

O NOTICIADOR,

JORNAL POLIT., LITT., E MERCANT.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"HYPOLITO JOSÉ DA COSTA"

Subscrive-se para esta folha, que sairá ás Terças, e Sextas feiras, 4000 rs. por semestre, pagos adiantados, e vendem-se Números avulsos á 50 rs., na Typographia, ao beco do Rasgado, na Laga do Sr. Carlos Antonio da Silva Soares, e na Lógica do Sr. Antonio Joaquim da Silva Marante, na rua da Praia.

La Liberté est la mère des vertus, de l'ordre, et de l'avenir d'un état: le clavage au contraire, ne produit que des vices de la lâcheté, et de la misère.

SINNEY, TOME I. SECTION II. PAG. 296.

VILLA DO RIO GRANDE DO SUL. NA TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO XAVIER FERREIRA.

INTERIOR.

CORRESPONDEACIAS.

Sr. Redactor.

Achando-se em minha mão o n.º 1.º da sua folha, onde vim. promette fugir, o mais possível, do odioso sistema de personalisar, e assim mais, combater o vicio, sem indicar o vicioso, o que, apesar de muito difficil, seria assaz louvavel, foi extraordinaria a surpresa com que li o n.º 7, por ver ali a generalidade, que quanto a meu modo de pensar, he peor mil vezes: louvo as suas senças (pois a este sistema se deve o adiantamento do Brasil) inda que algumas bastante acres, como por exemplo ao Conselho da Provincia: porem diga-me Sr. Redactor, não existirá entre os nossos agaloados, algum benemerito, que não só queirá, como até seja apologista da Santa instituição das Guardas Nacionaes? Faço delles muito melhor conceito, e vim. tambem hade fazer, quando melhor conhecer a Provincia, ou os seus habitantes: o n.º 9, apresenta igual generalidade; não posso conceber, que entre todos os nossos ramos de administração, nenhum deize de merecer com justiça, o terrivel ferrete das ideias do seu correspondente (que não os dirigio directamente) pois a ser admittivel tal hypothese, desgraçados Empregados! Infeliz Povo!!! O n.º 16, n.º me foi menos estranho, por me persuadir, que vim. obzequiou com a direção de Tatufce, ao Sr. Juiz de Paz da Capella do Boqueirão: se este Sr., como eu, de tal se persuadiu; he de supor que não gostasse, edou. He rasão, porque ninguém gosta de ser axineado: tambem achei dura a mudança que vim. fez, do antigo titulo de Imperador do Espírito San-

to. (que já muitos dizem festeiro) em imperador de folia; pois que apesar de poder cada hum, a respeito de Religio, seguir o que quizer, sendo como he, o costume desta festa muito antigo; poderá aquelle festeiro, e outros, attribuirem como ofensa da Moral. Vim. dirá: quem lhe encomendou o Sermão, que lho pague; mas, eu temendo que estes motivos disgustem a aquelles de nossos Concidadãos, que se derem por offendidos, e que deixem de concorrer para a continuação das suas apreciaveis Doutrinas, tão necessarias a nossa civilização; e finalmente fundado nas lisongeiros frases do seu prospecto, e convencido de que o honiem he susceptivel de enganos; lembrou-me dirigir-lhe estas mal tracadas linhas, que dignando-se admittilas em seu bem conceituado Periodico, muito obrigará a

Hum amante da sua folha.
Quintilliano Alves Teixeira Jardim.

Sr. Redactor.

Depois que lhe escrevi, com data de 21 do corrente; vejo a meu poder, o N.º 15 do seu Periodico; e he então que meu disgosto tocou a méta: a Provincia maculada de que nunca foi das mais affectas à instituição das Guardas Nacionaes; estas intituladas por mais hum ponto da discordia; e entregues á disposição de hum juiz de paz, de hum juiz de fora; ou presidente de provincia, que nem sempre he de gente mais atinada... os nossos Legisladores taxados de lhe darem pouca importância; em huma correspondencia, os Bras Leiros adoptivos, apontados com o dedo, como Portuguezes e vendidos Decretando o G. N. nesta provincia, ou no Brasil!

Espero que V. M. em virtude do artigo 2.º do Código Criminal, responda. Não tem V. M. elogiado tanto as G. Nacionaes? O Juiz de Paz, não he da eleição do Povo? O Juiz de Fora, e o Presidente de Província, não são escoita do nosso novo Governo? Os nossos Legisladores, merecem tal epitheto, attenta a crize daquelle instituição? O Titulo 2.º art. 6.º §. 4.º da Constituição, não chama os nãcidos em Portugal, residentes no Brasil, na epoca da Independencia, BRAZILLEIROS? Será este o meio de apagar a intriga, entre natos, e adoptivos, e mesmo Portuguezes? Quanta contradicção! Não parecerá esta formula de escrever, a que tem apparecido em alguns Periodicos da Corte e algumas Provincias (menos nesta) proccedendo a desgostar os incautos, e satisfazer aos satellites de D. Pedro?... Quantos motivos para se supôr que V. M. não he amigo (como diz) do grande 7 de ABRIL! Sr. Redactor, á lerta. Espere-se sirva inserir estas linhas.

Districto das Porteyras 27 de Fevereiro de 1852.

Hum que foi emante da sua Folha.

Quintiliano Alves Teixeira Jardim.

— Diz o nosso censor, que tendo nós promettido fugir de personalisar, o que achou muito louvavel, vio depois com extraordinaria surpresa a generalidade, que d' seo pensar, é peor mil vezes; e logo abaixo, que leuca os nossas censuras, por ser d' este systema que o Brasil deve o seu adiantamento. Nem mesmo os anjos serião capazes de o entender: pois não querendo nós seguir o systema de personalisar, qual outro deveríamos adoptar para combater os abusos e os vicios, senão o da generalidade? De nenhum outro temos noticia, e de mais que seja isento de defeitos: o Sr. Jardim, que com nenhum delles se ceo mmoda, porque nos não indica algum de sua invenção, que preencha os seus fins sem inconvenientes? Da nossa parte, não damos uma preferença absoluta á este, nem áquelle methodo de censurar; porque conhecemos que cada um delles tem seus defeitos, e seus convenientes; o das personalidades é mais odioso, e mais sujeito a enganos; o das generalidades menos effcaz, e offende as excepções, quando se não tem a cautela de advertir, como aconteceu ao Sr. Jardim, (e por isso é que a generalidade lhe pareceo peor) que todas as vezes que se profere uma proposição generica, sem se declarar positivamente que se quer comprehender a totalidade, se sabentendo sempre que se falla da maior, em todo o todo; pois até os mesmos nãcidos do abe, sabem que não ha regra sem excepção. Ha casos em que convem melhor, e mesmo é necessaria a personalidade; ha outros

em que tem melhor cabimento a generalidade; si nos inclinamos mais vezes á esta, é porque a consideramos menos odiosa; todavia não a temos seguido exclusivamente, nem era possivel. Se em uma cousa houvesse em nós a censurar, á tal respeito, seria a demasiada broadura, que temos adoptado; mas nunca contradicção. O que seria para surprehender é: se nós tendo protestado fugir de personalidades, depois viessemos a cair nellas á cada passo, o que ninguém dirá: bem se he portanto, que somos arguidos por termos desempenhado o que promettemos.

Pergunta-nos, se não existird, entre os agaloados algum, que goste da instituição das Guardas Nacionaes? Respondemos-lhe, que é mui natural que sim, e muito principalmente se elle veio a ficar com o mesmo, ou maior posto, do que o que tinha quando miliciano. Se em qualquer pequena sociedade, difficilmente se encontrão dois entes, que pensem absolutamente do mesmo modo sobre um mesmo objecto: com muito mais razão deve isto acontecer em uma corporação composta de tantos centenares de individuos, e no Brasil de hoje sobre tudo, onde todos fallão em tudo, poucos se entendem, e raras apparecem da s' creas uras, que seão inteiramente acordes sobre uma materia, mesmo de primeira intuição. Julgamos, por isso que se pôde asseverar, que entre os agaloados ha homens de tres sentimentos á cerea das G. N.: uns para quem ellas são uma instituição excellente, e seão estes provavelmente os que ficarão, ou terião de ficar mais bem aquinhoados em postos, do que nos corpos de milicias; outras para quem ellas são nem boas, nem más, taes são os que não luerãrão, nem perdergo com ellas, ficando com pouca differença com as mesmas patentes, que tinhão nas milicias; os ultimos finalmente são os que por falta de merito, ou por intrigas, ou cabalas de outros, vierão a ficar privados dos postos, que d' antes tinhão. Haverão tambem alguns (pode ser) que por um excesso de patriotismo gostassem de passar de officiaes á simples condição de soldados rasos: mas como nós temos o defeito de não acreditar em prodigios; por isso temos que a verdade nua e crua é só o que acabamos de referir; embora alguns queirão ostentar de um fanatismo patriotico, que não é facil comprehender á quem conhece um pouco o coração humano, embora alguns soltem dos labios outros sentimentos; no fundo do coração elles nos darão razão.

Diz que faz dos agaloados muito melhor conceito, e se não também o faremos fazer quando melhor co-
tarmos a Província. A que vem aqui estas expressões? Em que temos nós feito máo conceito

delles? Tanto não é assim, que mesmo á respeito dos seus, que forem pouco affectados ás Guardas Nacionaes, não deixamos de descobrir algum fundamento para isso: todos se recordão ainda dos relevantes serviços, que durante a guerra passada, e em outras occasiões, prestarão generosos á nação, com suas vidas e fazendas, os benemeritos milicianos desta provincia; e tambem ninguém ignora, que elles não receberão, pela maior parte, em recompensa de tantas fadigas e prejuizos, mais do que as honras provenientes dos postos, que occuparão; que admiração pois, que elles se não queirão ver agora despojados desse unico monumento da sua gloria, que, quando nada, servia de lisonjear uma paixão, o amor proprio, inseparavel de todo o homem? Se o Sr. Jardim é um ente sobre-humano, que não faz caso dessas vaidades do mundo; os mais homens nao serião felizes.

Queixa-se tambem o Sr. Jardim da critica, que se fez ao Sr. Juiz de Paz do Serrito, por ter dito que não podia comparecer na Junta de Paz, por que tinha de ser imperador do Espirito Santo; e diz que com isso se fez uma offensa á moral. Quem não vê que com aquelle proceder não se teve em vista a moral, nem a religião; mas unicamente censurar á um cidadão, que antepoz ao honroso serviço nacional o assistir á uma festividade, que tem mais de divertida, do que de religiosa? Não sabe que a nossa lei da liberdade d' imprensa sabida, e se não interpreta os escriptos segundo as leis da boa hermeneutica, e nunca por frases isoladas, e destacadas? Para que quiz pois emburrar com a palavra tartufice? Alguem disso, não sabia ja o Sr. Quintiliano, quando nos trouxe a sua primeira correspondencia, que não fomos nós, o que escrevemos estes dois artigos, de que tanto se queixa, e que por consequencia se algum excesso houve, nelles, não foi da nossa parte? Para que nos veio pois importunar com as suas reflexões? Sem duvida, cuidou que com isso mettia uma lingua em Africa!

Tudo se arripia o Sr. Teixeira; porque dissemos em o n.º 9. que em todos os nossos ramos de administração haviaõ abusos, e prevaricações. Isto é um axioma, mesmo nos governos mais bem constituidos, e administrados; e só pode delle dividir quem for cego, e surdo ao mesmo tempo, que não veja, ou ao menos não ouça o que vai por todo esse imperio. *Gracados empregados!* (exclama). Isso ainda teria algum lugar, se nós tivessemos dito, que todos os empregados commettião abuso; mas tal não houve: o que nos em-
é bem claro, foi sobre as repartições. Em todas

ellas podem haver abusos, sem que todos os empregados seão venaes, ou negligentes: antes nada mais natural do que em qualquer dellas haverem homens de todas as qualidades: honrados, e corrompidos: é visivel pois que tomou repartições por empregados.

Termina a sua primeira correspondencia, mostrando-se todo cuidadoso em advogar os nossos interesses. Forte birra! Pois não será melhor, que cada qual cure dos seus; e que se deixe de querer reformar as idéas, e os costumes dos outros, quando nem capacidade tem para dirigir, e reformar o que é seo? Que vergonha, que os homens mais cobertos de mazéas, mais carregados de defeitos, e que mais precisão de reformas, seão sempre os mais acerrimos em querer reformar o mundo!!!

Se a primeira pouco tem, que se aproveite; a segunda ainda menos; a não ser os ultrajes, que nos dirige o nosso grande analysta, e que á nenhum pretexto lhe mereciamos. Principia todo assanhado, por termos avançado, que esta Província não é das mais affectadas G. N.: se o dizer isto é algum crime; vá tomar satisfações ao Conselho Geral da Província, que foi o primeiro que o disse, e que até quiz representar (não sabemos se o chegou a fazer) ao Governo, que ella não podia ter guardas nacionaes: de mais, já lhe fizemos ver que sendo ella quasi toda militar, não era sem algum fundamento, que mostrava repugnancia áquelle instituição. *As G. N. (diz) intituladas, por mais um pomo de discordia.* Pois duvida-o? não sabe o que tem ido, e vai de intrigas, desconfortamentos, e dissensões por todas essas provincias, por cauza dellas? Nem de outra sorte podia ser: bastava serem uma innovação, que veio chocar os interesses, e o amor proprio de tanta gente, e para a qual o nosso povo estava ainda pouco preparado. *As mesmas d' disposição de um juiz de paz, que é da eleição do povo, de um juiz de fora, de um presidente que são da escoita do novo governo...* Então, que se segue dahi? Que sejo alguns homens puros, isentos de paixões e de eguinos, e não susceptiveis de abusar dellas com facilidade? Que rende que seja outro o Governo? Não vê que as creaturas são as mesmas, e que em tão pouco tempo, não podem ter mudado de moral, de sentimentos, e de illustração? Pois não seria melhor, que ellas ficassem só a disposição da Assembleia Legislativa, ou dos Conselhos Provinciaes? *Os nossos Legisladores merecem tal epitheto, attenta a crize daquelle instituição?* Que epitheto? Não hees de... alguma, o que dissemos foi, que elles não tinham sido ás G. N. toda a importancia, que ellas merecião; e

nesta opinião insistimos: a crise, de que falla, não foi motivo sufficiente para que a lei sahisse de-fectuosa; porque, para obstar aos planos dos an-ri-quistas, já a Assembleia tinha antes providenciado, creando as Guardas Municipaes, e outras medidas: os Legisladores não podião deixar de prever, que muitos mezes seriaõ precisos, para que as G. N. se chegassem a organizar, fardar, disciplinar, pôr em fim em estado de servir: e se durante todo esse tempo, os G. M. eraõ capazes de manter, como de facto, o fôrego publico; tambem se de vera sup- por que o poderião fazer por mais algum tempo, até que em occasião mais opportuna, na proxima ses- são por exemplo, se podesse deliberar com mais madureza sobre um objecto, sem duvida dos mais melindrosos; que tem occupado a Representação Nacional. De mais, a crise nunca impedio os tra- balhos legislativos; houverão sempre discussões; e discussões prolongadas sobre objectos de menos interesse: negamos por tanto que, se ella offerece inconvenientes em alguns dos seus arts., como sup- pomos, elles seão devidos ao imperio das circum- stancias: porque não vimos necessidade alguma de obrar com precipitação.

Em uma correspondencia os Brasileiros adoptivos apontalos com o dedo como Portuguezes. Que alevo- zia!! O que diz a correspondencia é: que alguns Portuguezes usavão do top. nacional, sem serem ci- dadãos Brasileiros, e que depois na occasião do ali- samento para as G. N., o tiravão só para se escapa- rem a ellas: não sabemos se isso é ou não verdade; mas seja, ou não seja, que culpa temos nós do que escrevem os outros? Se a não aceitassemos, teriamos de ser pelo auctor della censurado, e talvez insultado: assim mesmo não deixou elle de ser um dos 19. Pergunta se a Constituição não con- sidera cidadãos Brasileiros aos portuguezes residentes no Brasil na epocha da Independencia? A' que pro- posito vem essa pergunta? Quem já lhe disse que não? Pergunta mais se será este o meio de apagar a rivalidade entre os natos e adoptivos? Não pôde subir á mais a impostura!!! Quem é em que lugar desta folha, se ataca essa rivalidade? Se se refere aquella correspondencia, já lhe fizemos ver o que lá se diz, que é muito differente do que avança: se falla com nosco, muito peor; por que desde 7 de Abril temos sempre aconselhado a união, e a moderação: o Sr. Jardim é que vem agora avivar essas idéas.

Para que é o art. 240 do Código Criminal? Porque, e com que jus se dá por offendido, para nos exigir explicações, e á cerca do que? Não sabe, que a nossa Lei de 20 Setembro de 1836 permite ao cidadão fazer censuras, e analyses rousaveis da Const.; não se atacaudo as suas bases; das leis, sem porem a disobediencia; das actas do governo etc; e isto em termos rigorosos, mas decentes e come- didos? É que temos nós escripto, que não esteja comprehendido dentro do ambito das leis? Apoi-

te, aponte os nossos termos indecentes, e desco- medidos.

Por fim termina dignamente todo aquelle im- broglho com um brinde de injurias, que nos dá Lem a conhecer o seu *ousadia*. A' este respeito só lhe perguntaremos, donde lhe veio o direito de nos injuriar? Já sabemos; achou-o sem duvida no *ca- thecismo dos patriotas por excellencia*...

As inconsequencias, e contradicções deste ho- mem são bem revoltantes, e escandalosas: quer-se iugular por um entusiasta do dia 7 de Abril, e ao mesmo passo está divinizando as creaturas do actual Governo, só porque é novo; fuge-se apo- lojista das G. N., confessá que as temos elogiado, e depois moide-nos por causa de umas passageiras reflexões, que fizemos á cerca dellas; quer cam- par em fim de grande liberalião, e ao mesm tempo quer coartar aos outros a liberdade de pensar, e de escrever aquillo mesmo que as leis não prohibem que se escreva! Que pobreza de espirito!!

Ainda bem, que os nossos inimigos são tão mi- seraveis, que se encarregão elles mesmos da nossa defesa: o outro dia uns nos comparavão com os *sur- rotipillos*, e com os *rusguentos*, que são os mais encarnicados inimigos de D. Pedro; hoje este diz que não somos amigos do dia 7 de Abril, e que pertencemos ao partido dos satelliteis do mesmo D. Pedro! Queterão os homiens mais para nós chamar! Agora só espião da S. Alliança... Bem se vê, por estas accusações todas gratuitas, contradictorias, e desmentidas por qualquer que tiver lido as nossas folhas, que elles não achão por onde nos pegar.

Em conclusão, Sr. Jardim, temos a advertir- lhe, que é melhor deixar-se de correspondencias para com nosco, não só porque estamos antevendo, que vm. não é daquelles, que se deixão levar á forga de rasão; como porque preferimos aces en- cher as paginas desta folha com as nossas traducções da *Moral Universal*; visto haver tanta gente que a precisa cultivar.

ANNUNCIO PARTICULAR.

No Patacho Clara chegada proximoamente do Rio de Jaji iro tem para vender 5400 a 5500 alqueires de sarihy de mandioca; de muito boa qualidade, quem a mesma pertender se pode deregir nesta Villa, na rezidencia de Antonio José de Azevedo Machado e companhia

PREÇOS CORRENTES DOS GENEROS DE EXPORTAÇÃO.

CANHOES	lb.	154 rs.
CANNE SECCA	arr.	650 a 1.000 rs.
CEBO	1,600 a 1,700 rs.
CHAYA
CABELLO DE CAVALLO	5,520 rs.
HYVA MATTE	1,250 r.
CHUPRES DE NOVILHO	cahl.	20,000 rs.
.. DE VEGGA	5,000 rs.

CAMBIOS.

RIO DE JANEIRO	25 a 28
PARA	50
OUROS ESPANHOLAS	25,000 rs.

Hama

Villa do Rio Grande. Na Typographia de F. A. F.